

Parque do Xingu, em Mato Grosso, criado em 1961, abriga 6.000 indígenas e as últimas áreas de floresta contínua da região Rodrigo Vargas/Folhapress

Ataques de onças a índios no parque do Xingu levam a força-tarefa inédita

Avanço do desmatamento no entorno 'ilhou' a reserva e criou desequilíbrio, dizem especialistas

Rodrigo Vargas

PARQUE INDÍGENA DO XINGU (MT) Uma força-tarefa com técnicos da Funai e do ICMBio fará uma expedição para capturar onças que circulam pelas imediações de ao menos quatro aldeias do Parque Indígena do Xingu, na região nordeste de Mato Grosso.

Desde maio, segundo a Funai, foram contabilizados quatro ataques desses felinos a indígenas no parque, com duas mortes. O avanço do desmatamento e das queimadas no entorno da reserva é apontado como uma possível causa.

A primeira vítima foi uma pajé da etnia kamayurá, Kuitanap Kamayurá, 56, atacada no dia 9 de maio quando se dirigia a uma área de roça na região do Posto Leonardo Villas Boas.

No dia 12 de junho, outro ataque resultou na morte do índio Malale Waurá, 55, da etnia uaurá. Outros dois casos foram relatados em julho e agosto. Um jovem escapou sem ferimentos e outro está desaparecido.

A situação é qualificada como "raríssima" por Otávio Moura Carvalho, da CGPC (Coordenação Geral de Promoção da Cidadania), da Funai. Segundo ele, é a primeira vez, nos 57 anos de existência do parque, que uma operação nestes moldes é organizada.

"Eu trabalho no Xingu desde 1985, sempre teve muita onça por lá, mas elas nunca tinham atacado dessa maneira", relata.

Carvalho, juntamente com técnicos do ICMBio e do Ibmama, participou de um diagnóstico de campo na tentativa de identificar os animais que rondam as aldeias.

Com o auxílio de câmeras (chamadas de "armadilhas fotográficas") espalhadas por 20 pontos do parque, foram registradas imagens de quatro fêmeas e um macho de onça-pintada em uma área de

amostragem de 300 quilômetros quadrados.

Em nota, a Funai afirmou que o macho é o principal suspeito do ataque à pajé. O "animal problema", segundo o órgão, foi o mais registrado pelas câmeras no perímetro das aldeias.

"A providência a ser tomada é identificar, capturar e, possivelmente, remover o animal-problema (...) A médio e longo prazos, deve-se buscar o manejo dos fatores que estão levando as onças a chegarem perto das aldeias", diz o órgão, em um trecho.

A expedição está prevista para começar no dia 27 e deverá se estender pela primeira semana de dezembro.

Os animais capturados serão encaminhados a um refúgio de grandes felinos mantido pela organização não governamental NEX a 80 quilômetros de Brasília.

De acordo com a fundadora e presidente da entidade, Cristina Gianni, o trabalho de acolhida vai exigir atenção e paciência redobradas.

"A reação do felino de vida selvagem, ao ser contido, pode ser de extrema agressivi-

Imagem feita por armadilha fotográfica; câmeras foram espalhadas por 20 pontos para mapear ataques Funai

dade. Então é preciso que sejam mantidos, neste primeiro momento, em uma espécie de quarentena, com segurança", relata.

No caso de animais com histórico confirmado de ataques a humanos, explica ela, não é recomendável a reinserção à natureza. "Onças normalmente se mantêm afastadas dos humanos. A tendência, nos casos em que essa barreira é rompida, é que o animal repita o comportamento".

O Xingu foi criado em 1961. Seu território, de 2,8 milhões de hectares, abriga 6.000 indígenas de 16 etnias e também as últimas áreas de floresta contínua da região.

Enquanto se mantém preservado, o entorno do parque abriga imensas áreas de pastagens e de plantações de milho e soja.

"Nos últimos 30 anos, 66% das florestas nas adjacências (...) foram desmatadas e substituídas por grandes monoculturas de base agroquímica", afirmou o ISA (Instituto Socioambiental), em nota sobre o aniversário de criação do parque, comemorado em 14 de abril.

Ilhada, a reserva se tornou o único refúgio para muitas espécies da fauna nativa.

Para Carvalho, este cenário pode ajudar a explicar os recentes ataques. "O que está acontecendo é um desequilíbrio muito grande. O desmatamento e fogo cresceram muito no entorno. Para onde o bicho vai fugir?", afirma.

Além da grande concentração de animais que são presas habituais das onças, como gatos, cervos e tatus, há ainda uma população crescente de cães domésticos no parque.

Nas aldeias, a notícia dos ataques tem transformado a rotina dos moradores. De acordo com Weraup Kaiaibi, presidente da ATIX (Associação Terra Indígena do Xingu), caminhadas noturnas foram abolidas.

"Todos estão com muito medo. Pouca gente fica conversando na frente de casa até mais tarde, como era o costume. Alguns estão evitando até ir nas roças", conta.

Para evitar novos ataques, a Funai orientou os indígenas a se deslocarem sempre em grupos de cinco a seis pessoas, especialmente em áreas de roça ou trilhas mais afastadas. Outra preocupação é que os indígenas tentem abater os animais para resolver o problema.

"Para muitos indígenas, a onça representa um elemento sagrado. Para outros, esse elemento sagrado se perdeu e eles passaram a considerar a onça como um problema a ser eliminado", disse Rogério Cunha de Paula, coordenador-substituto do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros (Cenap/ICMBio).

Poluição do ar mata mais que cigarro

Estudo indica que material particulado tira 1,8 ano da expectativa de vida

Marcelo Leite

Jornalista, doutor em ciências sociais pela Unicamp, autor de "Promessas do Genoma" e "Ciência - Use com Cuidado"

Quiz sobre saúde: qual dos problemas prejudica mais a expectativa de vida no mundo —terrorismo e conflitos, acidentes de trânsito, falta de saneamento básico, álcool e dependência química ou tabagismo?

Nenhuma das anteriores. A maior ameaça para a saúde da população terrestre é a poluição do ar, em especial o material particulado (como poeira e fuligem). Sozinha, ela diminui em 1,8 ano a expectativa de vida, na média global.

O dado estarecedor consta do estudo "Introducing the

Air Quality Life Index" (apresentando o Índice de Vida e Qualidade do Ar). O trabalho foi compilado por Michael Greenstone e Claire Qing Fan, da Universidade de Chicago.

Entenda-se que isso não significa que cada pessoa viverá 1,8 ano a menos. Crianças que morrem nos primeiros meses ou anos de complicações respiratórias provocadas por material particulado —seriam mais de 600 esses casos fatais, a cada ano, só no Brasil— contribuem para reduzir de modo drástico a expectativa de vida.

O tabagismo, único fator a rivalizar o malefício da qualidade do ar, também ataca os pulmões e retira 1,6 ano da média de anos de vida.

As outras condições citadas ficam muito atrás dos dois flagelos. Terrorismo diminui a média em apenas 22 dias, como seria de esperar para um fenômeno de escala local. Já acidentes de trânsito assumem feição de problema de saúde pública: 4,5 meses a menos.

Pouco acesso a água tratada e a esgotos recolhidos e tratados causam estrago maior;

de sete meses. Alcool e drogas, algo ainda pior, com 11 meses. Note que em nenhum desses casos se ultrapassa a marca de um ano completo, como no caso da poluição atmosférica.

Mede-se a qualidade do ar com base em vários parâmetros, como as concentrações de ozônio, monóxido de carbono e óxidos de nitrogênio. Dá-se atenção especial ao particulado porque a poeira mais fina penetra nos alvéolos pulmonares e pode desencadear câncer e doenças cardíacas. A situação do Brasil até que

não é das piores. Segundo o relatório, só 0,2 ano se acrescentaria à expectativa de vida por aqui se o máximo de material particulado recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) fosse obedecido.

Médias, entretanto, podem revelar-se enganosas. No estado de São Paulo, já se estimou em mais de 11 mil as mortes precoces, a cada ano, resultantes da poluição do ar.

Um exemplo: na estação medidora de Pinheiros, bairro da capital paulista, o índice de material particulado MP10 esteve ininterruptamente acima do recomendado pela OMS (50 microgramas por metro cúbico, mg/m3) de 2000 a 2015.

Ainda mais alarmante se mostra a situação em nações como Índia e China. No primeiro caso, os indianos viveriam 4,3 anos mais, em média, se o padrão OMS fosse implantado. Em Nova Délhi, a parcela de

vida subtraída alcança nada menos que 10 anos. Na média.

Na China, o dano para a população seria de 2,9 anos, informa o relatório. Em Pequim, 6 anos. Mas metrópoles de países ricos também sofrem com material particulado, como Los Angeles, nos EUA.

Em países como Índia e China, pesa nas estatísticas o fato de que muita gente ainda cozinha com lenha dentro de casa.

A poluição doméstica, sobretudo fuligem, acaba sendo pior para a saúde, localmente, que a de distantes metrópoles.

Nesses casos, fogareiros de metal projetados para substituir tradicionais queimadores feitos de argila podem cortar a fumaça em 80%. Nas grandes cidades do mundo, contudo, a solução seria disseminar transportes públicos e eletrificar toda a frota —de quebra ajudando a conter a mudança do clima.